

Aqueles que estão mortos não se foram para sempre: da manutenção da supremacia, o museu etnológico e as complexidades do Fórum Humboldt

Bonaventure Soh Bejeng Ndikung¹

Tradução André Leal² e Natália Quinderé³

Resumo: Ndikung expõe a continuidade do projeto colonial na Alemanha do século 21, ao escrever sobre a decisão do Estado, apoiada por especialistas, de reconstruir as fachadas do palácio da cidade de Berlim para albergar a coleção de objetos etnológicos e obras de arte do Fórum Humboldt – inaugurado em 2021. Em meio às críticas de parte da população em relação à proveniência da coleção, Ndikung constrói nós de resistência à violência colonial contemporânea e secular.

Palavras-chave: *Museu universal; restituição; colonialidade do poder; queerificar o museu*

1 Bonaventure Soh Bejeng Ndikung é curador, autor e biotecnologista, atualmente atuando como diretor e curador geral do Haus der Kulturen der Welt (HKW) em Berlim, Alemanha. Ele é fundador e ex-diretor artístico do SAVVY Contemporary em Berlim, além de diretor artístico do sonsbeek20->24, uma exposição de arte contemporânea quadrienal em Arnhem, nos Países Baixos e foi escolhido como curador da 36ª Bienal de São Paulo, a ser realizada em 2025. Ele também trabalhou como curador adjunto para a documenta 14, em 2017, e foi curador convidado da Dak'Art: Bienal de Arte Contemporânea Africana em Dakar, Senegal, em 2018. Ndikung foi professor convidado em estudos curatoriais e arte sonora na Städelschule em Frankfurt, e atualmente é professor e chefe do corpo docente no programa de mestrado em estratégias espaciais na weißensee academy of art berlin. Suas obras publicadas incluem, entre outras, *The Delusions of Care* (2021), *An Ongoing-Offcoming Tale: Ruminations on Art, Culture, Politics and Us/Others* (2022) e *Pidginization as Curatorial Method* (2023).

2 André Leal é pesquisador em artes visuais, atualmente desenvolvendo pesquisa de pós-doutorado junto ao PPGAV / EBA / UFRJ com temática voltada para a relação da produção artística contemporânea e a emergência climática. É co-editor da revista *Arte & Ensaios* e também atua como curador e crítico independente. Em 2023 realizou residência artística na École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris, pelo programa CRESS (Création recherche en sciences sociales). Também já traduziu textos de autores como Lucy Lippard, Fred Moten e Stefano Harney, Gerardo Mosquera e T. J. Demos, entre outros. email: coxaleal@gmail.com Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9096726917253390> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0021-6616> Rio de Janeiro, Brasil

3 Natália Quinderé faz curadorias, pesquisa e escreve sobre arte e seus arredores. Organiza um grupo de performance, chamado Seis gentes dançam no museu, desde 2021. Trabalhou como editora executiva da revista *Arte & Ensaios* e, atualmente, alimenta uma plataforma chamada teteia (teteia.org). teteia é um projeto experimental de arte e política; mistura de arquivo, exposição e revista, editado ao lado de Luana Aguiar e artistas convidadas. Arelado a seu trabalho de edição, traduziu ensaios de Hito Steyerl, Chantal Mouffe, Oksana Bulgakova, etc. email: nataliaquindere@gmail.com Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5384032116898435> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3307-9918> Rio de Janeiro, Brasil

Those Who Are Dead Are Not Ever Gone: On the Maintenance of Supremacy, the Ethnological Museum and the Intricacies of the Humboldt Forum

Abstract: Ndikung exposes the continuity of the colonial project in 21st century Germany, by writing about the government's decision, supported by experts, to reconstruct the facades of Berlin's city palace to house the collection of ethnological objects and works of art of the Humboldt Forum – inaugurated in 2021. Amidst criticism from parts of the population regarding the collection's provenance, Ndikung constructs knots of resistance to contemporary and centuries-old colonial violence.

Keywords: *Universal museum; restitution; coloniality of power; queering the museum*

Figura 1

Rei do povo bamum, Nabil Mbombo Njoya, sentado em Mandu Yenu, no Fórum Humboldt, em junho de 2023. O trono foi roubado pelos alemães em 1908.



Ato 1 A coisa mais estranha do engasgo é que alguém pode se engasgar mesmo enquanto come a comida mais deliciosa que existe. Talvez, especialmente com esse tipo de comida, já que a avidez de devorar a iguaria rapidamente, com pouco foco na mastigação, mais no consumo, pode resultar no desvio de um pedaço, do esôfago para traqueia. No processo de engasgo, uma gamba macia bloquearia as vias aéreas superiores e impediria a chegada de oxigênio nos pulmões; de quatro a dez minutos, a falta de fluxo de oxigênio para o cérebro levaria a uma morte cerebral irreversível, se ninguém viesse em seu socorro. Quando a banalidade da respiração é obstruída, a morte é iminente.

Vamos nos permitir o luxo de fazer algumas suposições relacionadas à analogia do engasgo...

A instituição do museu etnológico, ou do museu-mundo, parece estar no meio de uma grave crise de engasgo. As iguarias que tais museus adquirem, o que significa dizer cooptam, ou seja, ingerem – usualmente sob as mais duvidosas condições, variando entre pilhagens flagrantes a pequenos furtos, chantagens e aquisições por pouco dinheiro, atizando a cobiça e a ingenuidade de alguns vendedores, no melhor espírito do capitalismo predatório – inclusive esculturas históricas e ritualísticas, tecidos, trabalhos de arte e artefatos de todos os tipos, caveiras humanas e esqueletos, durante o curso da história dos museus etnológicos, parecem ter perdido coletivamente o caminho para o esôfago e terem se entalado na traqueia. Eles estão entalados, na verdade, desde o tempo da história das coleções,

aquisições e saques em massa, desde as extrações cruéis e contínuas da propriedade cultural das antigas colônias europeias. No caso do Museum für Völkerkunde Berlin-Dahlem⁴, esse processo acontece desde sua fundação, em 1873, e sua inauguração, em 1886.

A tosse dos engasgos sufocantes do museu etnológico/museu-mundo/museu universal está se tornando alta e estridente, e, enquanto algumas pessoas correm em pânico desordenadamente, outras correm para dar palmadinhas nas costas do museu etnológico – ou para dar-lhe um soco abaixo do diafragma – com a esperança de resgatá-lo do último estágio do engasgo. Mas como toda situação de engasgo, o resgate é apenas possível se o delicado pedaço que bloqueia a traqueia é cuspidido.

Ato 2 Esses golpes e socos vieram em uma multitude de formas e com várias intensidades. Particularmente, desde o verão de 2017, eles não pararam, e enquanto o *momentum* está crescendo, o otimismo está diminuindo à medida que o tempo passa. No abençoado julho de 2017, quando a proeminente historiadora francesa, professora da TU Berlin e do Collège de France, Bénédicte Savoy saiu inesperadamente nas páginas de *Süddeutsche Zeitung* para desabafar suas frustrações e levantar sérias acusações contra a Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano (Stiftung Preussischer Kulturbesitz, SPK) e contra a falta de pesquisa sobre a procedência, a falta de autonomia, a escassez de transparência, a destreza científica inadequada e a irresponsabilidade geral do Fórum Humboldt de Berlim, eu estava certo de que esse tapa nas costas deveria ser considerado. Um tapa que, se bem-sucedido, tanto poderia empurrar o bloqueio para fora da traqueia, quanto causar a morte, caso ignorado. Nessa entrevista notória, Savoy lamenta que o Fórum Humboldt era como Chernobyl, uma comparação que atraiu o veneno da diretoria fundadora, o presidente da SPK Hermann Parzinger e o historiador da arte Horst Bredekamp, assim como do antigo diretor do British Museum e atual diretor do Fórum Humboldt Neil MacGregor. Além das polêmicas que a entrevista trouxe, nós

4 N.T. Segundo a Wikipedia, essa coleção estatal passou a integrar, em 1886, o Museu Real de Arte Popular [Königliches Museum für Völkerkunde]. Adolf Bastian, seu primeiro diretor, expandiu o acervo com peças de todas as partes do mundo. Na Segunda Grande Guerra, a sede localizada em um edifício no centro de Berlim foi destruída e a coleção restante foi levada para Dahlem, sendo renomeada, em 1999, como Museu Etnológico. Os planos de reconstrução do palácio real de Berlim para abrigar a coleção começaram em 2000.

finalmente estávamos ouvindo alguém que tinha tido, por sua vez, o privilégio de ser uma *insider*, que tinha acreditado que ainda seria possível transformar as coisas a partir de dentro, e que estava agora saindo para revelar para nós que o dentro é de fato a ficção imaginada pelos que estavam fora. A revelação de que todo o discurso sobre procedência e multiperspectivismo, todos aqueles conceitos charmosos como “patrimônio compartilhado” eram apenas slogans, hashtags, o tema político da moda, vieram sem surpresa alguma.

Enquanto alguns socos aqui e ali se seguiram, o último golpe completo veio de uma fonte inesperada. Em novembro de 2017, o presidente francês Emmanuel Macron fez um discurso na Universidade de Ouagadougou, Burkina Faso, afirmando que “a herança cultural africana deve ser destacada em Paris, mas também em Dakar, em Lagos, em Cotonou.” E acrescentou: “Nos próximos 5 anos, eu quero que estejam finalizadas as condições para restituir temporária ou permanentemente a herança africana para a África.” Desde então o mundo obteve outra datação ou demarcação, nomeadamente a era pré-Macron-Ouaga e a era pós-Macron-Ouaga. Em celebração ao chamado de Macron e criticando o cenário alemão, Dr. Kwame Opoku apontou que “as autoridades oficiais alemãs estão, de fato, perdendo; elas não percebem que no período pós-Ougadougou, os antigos argumentos e métodos não são mais aplicáveis. A única escolha disponível é a de acompanhar Macron ou ir além de Macron; elas podem tanto seguir os passos do corajoso e imaginativo líder francês ou dar um passo adiante do Elysée: ou seja, implementar algumas das implicações da Declaração de Ougadougou. Eles fariam assim, por exemplo, devolveriam sem nenhuma demora ou discussão alguns dos 508 ou mais artefatos do Benin que o museu etnológico de Berlim dispõe desde 1897.”⁵ Outro golpe com o objetivo de forçar a obstrução para fora da traqueia. Agora o engasgo persiste e a tosse está se tornando desesperadamente tediosa, como se cada grama de ar fosse uma batalha. Com a carta aberta iniciada pelo Berlin Postkolonial, assinada por artistas, ativistas e intelectuais, e endereçada à chanceler da Alemanha Angela Merkel, forçando-a a tomar

5 N.T. Optamos por acrescentar as referências citadas por Ndikung, no intuito de facilitar o acesso a pesquisas futuras. Opoku, Dr. Kwame. Parzinger's cri de coeur: genuine plea for UN/UNESCO assistance or calculation to delay restitution of artefacts? Modern Ghana. 24 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.modernghana.com/news/830590/parzingers-cri-de-coeur-genuine-plea-for-ununesco-assista.html>>. Acesso em: ago. 2023.

uma posição sobre os objetos e obras de arte saqueados nos museus alemães, assim como a nomeação de Bénédicte Savoy e do economista e escritor senegalês Felwine Sarr, como consultores de repatriação de artefatos africanos mantidos nos museus franceses, a pressão crescia.

Ato 3 A coisa mais estranha do engasgo é que alguém pode se engasgar mesmo enquanto come a comida mais deliciosa que existe. Para diagnosticar o engasgo, alguém pode ter que examinar sua autoconfiança. Existe uma certa arrogância da força e da grandeza que impediria alguém de pedir ajuda mesmo se estivesse no limiar do além. Mesmo se eles estivessem se engasgando e o ar estivesse escasso. O tipo de condescendência não apenas para com o outro, mas também para consigo, mascarado sob o disfarce do poder. O poder que tipicamente acompanha e emana do patriarcado. A arrogância que cheira a escombros da colonialidade ou a saudade de um tempo preso pelas garras da empresa colonial. Quando Paul Gilroy escreve em *After Empire: Melancholia or Convivial Culture* que a inclinação para romantizar os tempos coloniais se revela em nossa contemporaneidade como “uma fome pós-imperial destrutiva e doentia pela grandeza renovada”,⁶ ele poderia muito bem ter escrito um ensaio sobre o Fórum Humboldt. É essa fome pela grandeza que impulsionou a reconstrução de um antigo palácio prussiano no meio de Berlim. Ela poderia ser entendida como uma aula magna da reconstrução, da reescrita da história por meio da arquitetura: imaginar novamente, em escala 1:1, a residência de Hohenzollern, cujas fundações foram lançadas em 1443; reconstruída por volta de 1770 como residência barroca; demolida depois da Segunda Guerra; reconstruída a partir de 1973 como Palácio da República, onde ficava a Câmara do Povo da República Democrática Alemã (RDA), mas que também era um “local de felicidade e sociabilidade” para os cidadãos; fechada depois da queda do Muro de Berlim, e, de 1998 a 2008, demolida gradualmente para dar espaço à reconstrução do palácio. Talvez isso não fosse um problema se esse prédio e a instituição que o representa não simbolizassem um múltiplo apagamento das histórias e uma exultação dos sistemas imperial e monárquico.

6 N.T. Gilroy, Paul. *After empire: melancholia or convivial culture?* Milton Park: Routledge, 2004. p. 103.

Não é estranho escutar que, depois da queda do Muro, e da reunificação da Alemanha, a Alemanha Ocidental usurpou e fez avanços para ocupar a totalidade da Alemanha Oriental. Todos os esforços foram feitos no intuito de acabar com um sistema considerado retrógrado e para implementar um sistema democrático capitalista condizente com o século 21 que estava no horizonte. Não apenas o povo da antiga RDA perdeu, em expedientes, suas estruturas políticas, econômicas e sociais e suas formas de vida, como eles também perderam seu rumo, já que os nomes das ruas foram trocados, monumentos foram contestados, figuras políticas castigadas, identidades questionadas e humilhadas, e a história desafiada, em um esforço para apagar o passado comunista. Essas ações – o que é considerado por muitos a tomada do controle da RDA pela República Federal da Alemanha (RFA) – está enraizada na maioria das frustrações atuais na parte oriental da Alemanha, que levou ao sentimento protofascista, à mudança radical para a direita, e a ataques xenófobos a estrangeiros, que se tornaram bodes expiatórios, tanto do sistema político como do cidadão de bem⁷. O diretor do Berliner Festspiele Thomas Oberender, ruminando sobre o motivo pelo qual o Alternative für Deutschland (AfD ou partido “Alternativa para a Alemanha”) ter se tornado tão bem-sucedido na antiga região da RDA, afirmou:

Trinta anos depois da queda do Muro, a Alemanha está construindo o Fórum Humboldt para trazer pesquisas humboldtianas do mundo em acordo com a história colonial alemã. Para isso, o Palácio da República foi demolido e em seu lugar nada o recorda. Como refletir sobre esse autocolonialismo alemão? Esse “teto danificado” nacional, implica que não há mais nada para se preocupar em relação à história da RDA, exceto as mortes no Muro e a Stasi? O que resta da RDA é um lembrete das vítimas e perpetradores, da injustiça e do fracasso e da crença equivocada, essa é toda a verdade.⁸

Arquitetura como uma ferramenta de apagamento da história – ou, construção como borracha. A destruição do Palácio da República como uma coordenada na tradição do urbanismo da tábula rasa. Tábula rasa e *Wiederaufbau* (reconstrução) como meios de manutenção do que Aníbal Quijano chama de colonialidade do poder.

7 N.T. Ndikung utiliza a expressão “besorgte Bürger.” – “cidadão preocupado”. No Brasil da extrema direita, podemos traduzi-la por cidadão de bem.

8 N.T. No original, não há referência da citação, e não conseguimos encontrá-la.

Por outro lado, a reconstrução desse palácio no qual objetos e sujeitos – espólio de guerras e outros – de todo o não-Occidente serão exibidos e enquadrados sob os auspícios de Humboldt também deve ser vista como uma rememoração, como uma recomposição, assim como uma reminiscência e reinstalação da era histórica da grandeza prussiana. Essa grandeza se caracteriza também pelos esforços da Prússia de Brandemburgo para instalar colônias na costa africana Ocidental, no século 17 e começo do 18. Com o estabelecimento da Marinha de Kurbrandenburg por volta de 1676 e da Companhia Africana de Brandemburgo (CAB) em 1680, o Grande Eleitor⁹ Friedrich Wilhelm enviou navios comerciais e militares para construir fortes e colônias na África Ocidental. A fragata Morian alcançou a costa da Guiné, em janeiro de 1681, e facilitou tanto a construção de um forte na terra do povo ahanta, na costa atual de Gana, como também de entrepostos comerciais de ouro, pimenta, ferro e pessoas escravizadas. Essa foi a forma como Brandemburgo-Prússia entrou no comércio transatlântico de escravos, vendendo uma estimativa de 15.000 a 24.000 africanos entre os anos de 1680 e de 1717, em 124 viagens comerciais. É preciso assinalar que entre 10 a 15%, aproximadamente, desses recursos humanos não sobreviveram à brutalidade atroz e às duras condições do comércio. O rei da Prússia, Friedrich I, continuou a empresa colonial após a morte de seu pai, o Grande Eleitor, em 1688, mas depois vendeu as colônias prussianas à Companhia Holandesa das Índias Orientais, em 1717.

Ato 4 O que significa reconstruir a base do poder prussiano, nomeá-la em homenagem aos irmãos Alexander e Wilhelm von Humboldt, moldá-la como centro mundial da cultura e do diálogo cultural, abrigando trabalhos do Museu Etnológico de Berlim e do Museu de Arte Asiática? Foi isso que provocou o engasgo? Como essas artes e artefatos, objetos e sujeitos entraram nessas coleções em primeiro lugar? O que significa ter um dos diretores fundadores, Horst Bredekamp, reivindicar abertamente – como se pode ouvir, na reportagem de Lorenz Rollhäuser, em *Haus der Weißen Herren: Humboldt Forum, Shared Heritage und der Umgang mit dem Anderen*¹⁰ [Casa do Homem Branco: Fórum Humboldt, patrimônio compartilhado e a

9 N.T. Título de nobreza – Eleitor de Brandemburgo.

10 N.T. Casa do Homem Branco: Fórum Humboldt, Patrimônio compartilhado e a relação com o Outro. Disponível em https://www.deutschlandfunkkultur.de/raubkunst-im-humboldt-forum-haus-der-weissen-herren.3682.de.html?dram:article_id=451366. Acesso em: ago. 2023.

relação com o outro] – que, ao contrário das outras cidades europeias como Londres, Bruxelas ou Paris, Berlim não colecionou de forma colonial? Kwame Opoku, entre outros, tem publicado numerosos ensaios, como *Benin to Berlin Ethnologisches Museum: Are Benin bronzes made in Berlin?*¹¹, que discutem os contextos coloniais e os meios duvidosos pelos quais muitos desses “objetos” foram roubados, vendidos ou cuspidos para fora do continente africano ou de outras partes do mundo, e se encontram em museus europeus e estadunidenses. Os comentários de Bredekamp também contrastam radicalmente com o que Richard Kandt, residente do Império alemão em Ruanda, escreveu em 1897 a Felix von Luschan, diretor do departamento africano do *Königliches Museum für Völkerkunde* [Museu Real de Etnologia de Berlim], sobre a procedência desses “objetos” no museu: “É especialmente difícil obter um objeto sem, no mínimo, empregar alguma força. Acredito que metade do seu museu consista em objetos roubados.” Esse fato de 1897 continua sendo fato em 2018.

Embora ultrapasse o recorte deste artigo, vale mencionar rapidamente alguns casos inconfundíveis, muito discutidos nos últimos anos. A invasão e destruição do Império Edo do Benin e a humilhação de Oba Ovonramwen pelos britânicos, em 1897, foi acompanhada por um saque em massa de cerca de 3.500 valiosas estátuas de bronze do palácio do rei. A pilhagem foi levada ao British Museum ou vendida a museus e indivíduos do hemisfério ocidental. As correspondências muito bem documentadas de Felix von Luschan, assim como outros materiais de arquivos revelam que ele tinha total conhecimento das aquisições, procedência e sangue ilegítimos ligados a suas compras.

O trono do rei não pertence ao rei, mas a seu povo. O povo bamum de Camarões teve que ficar sem seu trono desde que ele foi supostamente presenteado pelo Sultão Ibrahim Njoya ao Imperador Wilhelm II, em 1908. Desde então, *Mandu Yenu* tem sido uma força política e econômica gravitacional do *Museum für Völkerkunde Berlin-Dahlem*. Surge então uma pergunta óbvia: O que é um presente no contexto do colonialismo? Não é um segredo que o colonialismo – em todas suas formas e tons – foi um

11 N.T. Opoku, Dr. Kwame. *Benin to Berlin Ethnologisches Museum: Are Benin bronzes made in Berlin?* Disponível em: <<https://lootedart.com/news.php?r=MVMR05596191>>. Acesso em: ago. 2023.

“crime contra a humanidade”, como Macron afirmou. O que é um presente nesse contexto de variações extremas de poder e violência colonial? Se um ladrão vier em sua casa, apontar uma arma para sua cabeça e pedir para que você ofereça os objetos mais valiosos como presentes, qual chance você terá de dizer não? A extorsão de *Makabu Buanga*, pertencente ao príncipe congolês Ischiewu, por Ludwig Wolf – médico do oficial da colônia, Hermann Wissmann –, é um outro exemplo, com evidências da extorsão documentadas no diário de viagem de Wolf.

Ato 5 A coisa mais estranha do engasgo é que alguém pode se engasgar mesmo enquanto come a comida mais deliciosa que existe. Para diagnosticar o engasgo, é preciso olhar para os entrelaçamentos entre ciência e raça.

No auge da era colonial da Alemanha no continente africano, os alemães praticaram o que é amplamente considerado como o primeiro genocídio do século 20, na Namíbia. Entre 1904 e 1908, as tropas alemãs na antiga colônia imperial alemã do sudoeste da África massacraram – por fuzilamento, enforcamento em árvores, morte por fome e banimento para o deserto –, cerca de cem mil hererós e namaquas, restando apenas quinze mil sobreviventes. Os sobreviventes foram forçados a viver em campos de concentração, mulheres e crianças foram estupradas e mais pessoas foram mortas. Como se a morte não fosse suficiente, os esqueletos e crânios dos povos hererós e namaquas foram enviados para Alemanha para experimentos raciais “científicos”. Muito recentemente, mais de mil outros crânios foram encontrados, supostamente desconhecidos pelas instituições que os abrigavam até a última década, tendo sido levados aparentemente de Ruanda e das antigas colônias alemãs, no leste africano, para pesquisas raciais na Alemanha. Devido à enorme pressão de grupos de dentro e fora da Alemanha, a Fundação do Patrimônio Cultural da Prússia foi forçada a aumentar esforços para pesquisar e publicar informações sobre a procedência desses crânios, assim como a repatriá-los. Enquanto a Alemanha começou a repatriar alguns crânios, uma importante reflexão surge, que não é tão bem entendida no enquadramento epistemológico e espiritual do Ocidente. As almas das pessoas mortas, cujos esqueletos foram enviados para fora do país, assim como a alma de suas nações, não serão curadas apenas porque seus crânios retornaram. A cura começa apenas quando as suas procedências forem esclarecidas, o que quer dizer, apenas quando for possível colocar um nome em cada crânio. Os espíritos dos mortos permanecerão e procurarão morada até que sejam nomeados e colocados para descansar em suas casas. O engasgo persiste à medida que os ossos são desempacotados, limpos e

discutidos, enquanto os fantasmas dos assassinados pairam em um estado de dúvida e sem lugar para ancorar.

Ato 6

Espíritos habitam

A escuridão que clareia, a escuridão que escurece,

O sacudir da árvore, o murmúrio da madeira,

A água que corre e a água que dorme:

Espíritos muito mais fortes que nós,

A respiração dos mortos que não estão realmente mortos,

Dos mortos que realmente não desapareceram,

Dos mortos agora não mais na terra.

Escute às Coisas

Com mais frequência que aos Seres,

Ouçã a voz do fogo,

Ouçã a voz da água.

Escute no vento,

ao arbusto que soluça:

Isso são os ancestrais, respirando.

- Birago Diop, Espíritos.

Temos que reconhecer que a rapidez de alguns museus ocidentais em devolver os restos humanos – esqueletos e mais – para as antigas colônias é um grande gesto ético e moral a caminho da humanidade; finalmente o reconhecimento de sua humanidade. Depois de séculos de objetificação de outros humanos como ferramentas, recursos, utensílios e força de trabalho que possibilitaram a escravidão, o colonialismo e o racismo, esses museus e outras instituições científicas parecem ter percebido que foi e é impróprio, antiético, imoral, ilegal terem usado outros seres humanos para suas experimentações, para seus propósitos de construção de uma alteridade, para suas metas de objetificação de outros companheiros humanos. Terão mesmo? É importante que nós nos lembremos que outros humanos foram tratados dessa forma sob o pretexto de promover a civilização ocidental, a Cristianização e a “modernidade”.

Vamos assumir que os dias em que você iria a um museu etnográfico e veria o crânio do seu bisavô acabaram. Vamos supor que a moral e a ética permitam que os crânios sejam trancados em caixas e armazenados em porões, e não mais expostos. Vamos supor que um dia, quando suas procedências forem resolvidas adequadamente, todos esses humanos serão colocados para descansar ao lado de seus povos. Tudo isso porque se terá finalmente compreendido que africanos, latino-americanos e asiáticos também são sujeitos e possuem subjetividade. Como as instituições ocidentais agora reconhecem que esses seres humanos não são objetos, mas sujeitos que um dia possuíram personalidade, agência, consciência e presença em suas sociedades, eles devem ser mandados de volta.

Porém, o que muitas instituições e museus ocidentais abrigando errônea e forçosamente muitos desses assim chamados “objetos” do não-Occidente não compreendem, ou não reconheceram totalmente, é que a maioria desses assim chamados “objetos” não foram, nem jamais serão objetos. A objetificação desses seres espirituais e ritualísticos, suportes históricos, entidades culturais, orientações e essências está alinhada com a desumanização e objetificação dos humanos não-ocidentais. Se os esqueletos foram libertados da condição de objetos, já é tempo de os assim chamados objetos também serem liberados das amarras da objetificação, às quais estiveram subjugados desde que foram capturados de suas sociedades como prisioneiros, da mesma forma que os humanos como escravizados. Para entender esses assim chamados objetos como sujeitos é necessária uma mudança radical no entendimento ocidental de arte, autoria e sociedade, e depois uma profunda reconfiguração do sentido de ser humano.

Primeiramente, para compreender a subjetividade dos assim chamados objetos, devemos ser capazes de entender que, para alguns de nós, alguns deles são de fato os ancestrais. Não são representações dos ancestrais, como poderia ser o caso de uma pintura em uma igreja ou uma efígie de Jesus ou um retrato do bisavô de alguém – não –, em vez disso, alguns desses assim chamados objetos devem ser vistos como encarnações, corporificações ou personificações de nossos ancestrais. A transformação de uma vida de carne para uma vida de madeira, metal ou argila. A corporificação de algumas dessas vidas que transmitiram para aquele lugar

um além.¹² Com efeito, devem-se perceber alguns desses assim chamados objetos como o além. Nesse caso, como esses “objetos” se distinguem das caveiras que estão sendo repatriadas? Eles também possuem personalidade, agência e consciência. No que me diz respeito, não tenho qualquer interesse em ver meus ancestrais, seja lá em qual forma – esqueletos, madeira etc. – em um museu.

Em segundo lugar, para entender a subjetividade desses assim chamados objetos, devemos ser capazes de compreender que alguns deles são realmente entidades ritualísticas que também possuem subjetividade. Eles detêm, portanto, a possibilidade de cura, a mediação entre mulheres-homens¹³ e deuses, e a consciência da dinâmica das comunidades, pois protegem os indivíduos em sociedade. Os assim chamados objetos possuem sentimentos e desejos; eles têm fome e sede, e é por isso que são alimentados, que lhe são oferecidos sacrifícios, orações e que são acalmados de várias formas para evitar que despejem sua ira contra nós. Se agência é a capacidade de agir e fazer escolhas, então os assim chamados objetos também possuem agência, porque eles determinam, agem e exercem poder sobre indivíduos e sociedades, e mais especificamente garantem perspectivas para suas sociedades. Como Alain Resnais e Chris Marker registraram no seu clássico filme, *As estátuas também morrem* (1953), a exposição desses seres rituais em vitrines de vidro temperado em museus ocidentais é uma forma de assassinato.

Em terceiro lugar, para entender a subjetividade desses assim chamados objetos, precisamos compreender que alguns deles foram criados ou emergiram em tradições ou práticas de artes que estão a uma distância brutal das tradições artísticas ocidentais. Em *Tlilli, Tlapalli: The Path of the Red and Black Ink*¹⁴, Gloria Anzaldúa escreve: “Meu povo não separou o artístico do funcional, o sagrado do secular, a arte do cotidiano.” Aqui

12 N.T. no original *yonder*, cuja tradução literal é “além, acolá, longínquo”, significando um além espacial, propriamente. Devemos ter em conta que em muitas religiões africanas as entidades espirituais, ou ‘deuses’, têm origem em entidades geográficas como rios, montanhas, árvores etc., dos lugares sobre os quais têm ascendência.

13 N.T. *Ndikung* faz um jogo de palavras – a adição *women + men* – impossível no português: (wo)men.

14 N.T. Anzaldúa, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. São Francisco: Aunt Lute, 1999.

Anzaldúa estava caminhando em direção a uma diferenciação entre o que ela designa como “arte invocada”¹⁵ – uma arte investida de performance ritual – não-ocidental e a prática artística ocidental. Anzaldúa explica que a “arte invocada” dedica-se a uma validação dos humanos, enquanto a maior parte da arte ocidental está dedicada a uma validação de si própria. “Arte invocada”, ela escreve, é comunitária e fala à vida cotidiana. Anzaldúa argumenta, assim, que nas culturas indígenas, fazer arte alinha a estética e o espiritual, o funcional e os contextos sociais. Ela ressalta que fazer arte pela arte, ou pelo propósito da maestria, como é comum nas culturas ocidentais, leva à objetificação da arte. Anzaldúa acreditava, assim como seu povo, na capacidade da arte de provocar mudanças, de curar, de reparar, de validar a humanidade. A dificuldade para os museus ocidentais reconhecerem as qualidades dos assim chamados objetos como sujeitos em si mesmos reside então na enorme discrepância das percepções do que a arte é e do que ela pode fazer. Nessa perspectiva, sujeitos da África, Ásia, Oceania e das culturas nativas americanas, mantidos cativos nos museus etnográficos ao redor do mundo, estão condenados à objetificação, até serem repatriados e reabilitados à condição de sujeitos.

Ato 7 A coisa mais estranha do engasgo é que alguém pode engasgar mesmo enquanto come a comida mais deliciosa que existe. Para diagnosticar o engasgo, precisamos olhar as políticas da fome e toxicidade.

Uma das armas implementadas pelos alemães durante o genocídio dos hererós e namaquas foi a arma da inanição. Aqueles que sobreviveram aos ataques militares severos foram enviados ao deserto sem comida nem água. Em *Late Victorian Holocaust: El Niño Famines and The Making of the Third World*, Mike Davis afirma que no final do século 19, “milhões morreram, não fora do ‘sistema mundial moderno’, mas exatamente no processo de violenta incorporação às estruturas econômicas e políticas desse sistema.”¹⁶ Ele explora como o colonialismo e o capitalismo na Índia britânica e em outras colônias britânicas aumentaram a pobreza rural e a fome, enquanto políticas econômicas exacerbaram a inanição durante a escassez provocada pelo El Niño – Oscilação do Sul –, matando entre

15 N.T. No original, invoked art.

16 N.T. Em português: Davis, Mike. *Holocausto coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19

trinta e sessenta milhões de pessoas devido às ideologias malthusianas do governo colonial. De maneira semelhante, Cormac Ó Gráda, em seu *Famine: a short history*, discorre sobre a história da fome relacionada às histórias políticas e econômicas, por exemplo, na China de Mao, na Ucrânia de Stalin, ou a fome bengalesa de 1943. Em relação à última, uma das maiores fomes de todos os tempos, Rakhi Chakraborty em *The Bengal Famine: How the British engineered the worst genocide in human history for profit*¹⁷, escreve:

Winston Churchill, o reverenciado primeiro-ministro da guerra britânica que salvou a Europa de um monstro como Hitler, era perturbadoramente indiferente à fome devastadora que engolia a população de Bengala. Ele casualmente desviava os suprimentos de auxílio médico e de comida que estavam sendo enviados às vítimas famintas para os já bem supridos soldados da Europa. Quando questionado a respeito, respondeu, “Famintos ou não famintos, os indianos vão se reproduzir que nem coelhos.” O governo de Délhi enviou um telegrama para ele descrevendo um cenário de terrível devastação e o número de pessoas que tinha morrido. Sua única resposta foi: “Então por que Gandhi ainda não morreu?”

A fome, no contexto do colonialismo, sempre foi mais uma ferramenta nos esforços de desumanização, desmotivação, desespiritualização e tortura dos colonizados. Uma fome arquitetada foi uma maneira de extirpar os sujeitos de suas subjetividades para expô-los como objetos nus.

Esses mesmos métodos de objetificação usados em humanos foram e continuam sendo exercidos nos assim chamados objetos dos museus ocidentais. É muito comum que as pessoas em muitas culturas não-ocidentais tragam comida e todo tipo de sacrifícios para seus ancestrais. Assim como é normal ver as pessoas derramarem bebidas¹⁸ para seus ancestrais. Se reconhecemos que os assim chamados objetos têm sentimentos e desejos, fome e sede, então devemos considerar um discurso de fome quando se pensa neles nas caixas de vidros dos museus. A fome aqui é uma fome concreta e física, mas também deve ser vista como uma fome espiritual.

17 N.T. Chakraborty, Rakhi. *The Bengal Famine: How the British engineered the worst genocide in human history for profit*. Disponível em <<https://yourstory.com/2014/08/bengal-famine-genocide>>. Acesso em: ago. 2023.

18 N.T. No original, libation.

Outro meio de eliminação e desumanização adotado em casos extremos de abuso de poder e opressão é o uso de gases tóxicos. Logo, a relação com a gasificação de humanos entra como um paralelo. A fumigação dos objetos em museus para eliminar cupins ou traças, por exemplo – isto é, retirar qualquer vida, de modo a certificar e reiterar o estatuto de objeto daquilo que foi transformado em objeto. Madeira morta sem qualquer traço de vida é o que os museus fazem com nossos ancestrais. É dito que cerca de noventa por cento dos assim chamados objetos abrigados em muitos museus etnográficos nunca foram exibidos e muito provavelmente nunca serão vistos. Isso se deve, em parte, porque nos imensos depósitos para os quais foram banidos, esses seres foram intoxicados com gás arsênico e um coquetel de outros gases, em um esforço para sustentá-los e evitar tanto sua decomposição quanto sua vida.

Ato 8 Uma das muitas reclamações das pessoas que vêm de sociedades que perderam seres espirituais, artefatos históricos ou ancestrais para museus ocidentais é que elas sentem um extremo desarraigamento e perda de referências. Muitos dos bronzes do Benin, por exemplo, são portadores de relatos históricos. Sempre que algo de especial acontecia na sociedade, o Oba pedia à sua corporação de artistas para registrar o evento em uma escultura. Isso quer dizer que sem essas inscrições históricas na forma de obras de arte, a sociedade perde seu passado, e sua história é condenada a ser narrada pelas inscrições e linguagem daqueles que saquearam o Palácio do Benin. Acredita-se que esse tipo de desarraigamento foi responsável por gerar, em muitos casos, ondas de migração rural-urbana ou para o Norte, já que humanos não querem habitar espaços destituídos de suas histórias.

Se concordarmos com Anzaldúa que essas obras de arte animadas e vivas têm o potencial de validar a humanidade em certas sociedades, então a perda de tais seres que servem como coordenadas da existência, coordenadas que ajudam na navegação das pessoas pela vida e pela sociedade, produz como consequência sociedades desorientadas, com problemas psicogeográficos extremos. Uma sociedade que perdeu sua base espiritual é uma sociedade desenraizada. Apesar dos espaços físicos de moradia ainda poderem ser habitados, sua privação aos deuses, médiuns e divindades as deixam em um estado de esterilidade divina, o que é uma forma de desterritorialização. Divindade e espiritualidade são territórios os quais uma vez tomados deixam buracos enormes que só podem ser preenchidos substituindo, reinstituindo e reabilitando os seres sagrados e espirituais. Qual o fardo psicológico de um povo que teve que existir por mais de um século sem seu trono sagrado?

Ato 9

*Don't let them fool ya
Or even try to school ya!*¹⁹

- *Bob Marley, Could you be loved*

A coisa mais estranha do engasgo é que alguém pode se engasgar mesmo comendo a comida mais deliciosa das comidas que existem por aí. Para diagnosticar o engasgo, podemos ter que olhar para a retórica, para a propaganda como um método pedagógico, e para as políticas de comodificação.

À medida que os debates envolvendo os assim chamados objetos da África, da Ásia, da Oceania e das culturas nativas americanas nos museus ocidentais tornam-se mais barulhentos e as pressões para repatriá-los a seus lugares de origem se intensificam, alguns diretores de museus têm tentado elaborar conceitos espertalhões que podem levar alguém a interpretar erroneamente o que Marley canta “Não deixe que eles tentem te enganar/Nem mesmo que tentem te ferrar!”, ao invés de “disciplinar!” De novo, parece que há uma linha tênue entre “disciplinar” e “ferrar”. As razões dadas pelos colonialistas para armar o empreendimento colonial ao redor do mundo foram frequentemente relacionadas ao estabelecimento ou à instituição de um conhecimento universal, sinônimo da epistemologia ocidental. A desculpa era a de levar civilização para os não-civilizados. Para liberá-los da selvageria. Para liberá-los de falsos ídolos e introduzi-los ao primeiro e único Deus ciumento, com D maiúsculo. Enquanto os soldados coloniais, mercadores e padres pavimentavam seus caminhos nessas missões, mandando as pessoas abandonarem seus falsos deuses, outros, como Felix von Luschan, vadeavam na metrópole esperando que os “deuses” capturados e roubados fossem enviados para lá. A escolarização na epistemologia ocidental caminhou de mãos dadas com a destruição do conhecimento indígena e seus modos de ser.

19 N.T. Em tradução livre: Não deixe que eles tentem te enganar / Nem mesmo que tentem te disciplinar!

Não é de se estranhar, portanto, que à medida que o ar fica mais pesado, pessoas como Hermann Parzinger elaboraram conceitos tão “maravilhosos” como “patrimônio compartilhado”. Em seu já notório “manifesto” de 2016, *Shared Heritage is a Double Heritage*²⁰, Parzinger explica o que é seu conceito. Ele parece tão bem-intencionado e cheio de boas intenções. Tão cheio de boas intenções como as palavras de um porta-voz²¹ tentando vender uma agenda política ou econômica com a qual você provavelmente discordaria. Tão cheio de boas intenções quanto as palavras de um 419²² ou de Feyman,²³ que promete dobrar ou triplicar seu dinheiro, honestamente, se você apenas lhe der 100 mil euros. Tão cheio de boas intenções quanto tentar vender àqueles que um dia foram colonizados a ideia de que seus deuses, ancestrais, médiuns, entidades históricas e artes, que, em grande parte, foram retirados deles à força ou de maneira ardilosa, agora são parte do patrimônio da humanidade – pertencem ao mundo. De fato, “patrimônio compartilhado” parece ser a nova estrela no planeta da Feymania.

Vamos então dar uma olhada no conceito de “patrimônio compartilhado” de Parzinger, por meio de um desvio a alguns pontos-chave de seu texto manifesto.

Em primeiro lugar, ele escreve:

“Nós administramos os bens culturais da humanidade juntos. Então, nós deveríamos também dividi-los com as nações que anteriormente subjugávamos como colônias.”

Mesmo que seja bem-intencionado compartilhar os bens disponíveis com os antigos colonizados, a primeira pergunta emerge: quem lhe dá o mandato para gerir os bens culturais da humanidade? O que quer dizer falar

20 N.T. Parzinger, Hermann. *Geteiltes Erbe ist doppeltes Erbe*. *Fankfurter Allgemeine*, 16 out. 2016. Disponível em: <<https://www.faz.net/aktuell/feuilleton/shared-heritage-geteiltes-erbe-ist-doppeltes-erbe-14481517.html>> Acesso em: ago. 2023.

21 N.T. No original spin doctor.

22 N.T. Equivalente, na lei nigeriana, ao artigo 171 do Código Penal brasileiro, que define o crime de estelionato.

23 N.T. Feyman ou feymania é um golpe comum em Camarões, no qual a vítima é induzida a dar uma quantia de dinheiro antecipadamente para receber de volta o dobro ou o triplo da soma inicial.

sobre os bens culturais da humanidade que sua nação outrora tirou de povos que, na época, não eram nem mesmo considerados humanos? Como esse suposto compartilhamento deve acontecer e sob quais dinâmicas de poder? Os estados-nação são os mediadores ou os parceiros de comunicação em tal empreendimento?

Quando o *Afo-A-Kom*, uma deidade do povo Kom de Camarões, foi encontrado em uma coleção da galeria Furman, Nova Iorque, em 1973, depois de ter sido roubado de Camarões em 1966 (supostamente comprado por 100 dólares e vendido para um negociante de arte de Nova Iorque), a galeria pediu 60 mil dólares para o governo de Camarões. O adido cultural da embaixada camaronense nos EUA, Thaddeus Nkuo, fez um forte apelo pela repatriação do *Afo-A-Kom*: “[Ele] está para além do dinheiro, além do valor. Ele é o coração dos Kom, o que unifica a tribo, o espírito da nação, o que nos mantém unidos. Ele não é um objeto de arte à venda, e não poderia sê-lo.”²⁴ Mesmo assim, o governo dos EUA não estava preparado para dar o próximo passo e levá-lo de volta para Camarões. Eventualmente, a galeria Furman vendeu o *Afo-A-Kom* para um empresário, que o devolveu para o povo kom. Hoje, com os estados-nação africanos liderados majoritariamente por fantoches do Ocidente, com interesse mínimo no patrimônio cultural, muitos estados-nação africanos se tornaram forças muito piores ou negligentes demais para se confiar. Ademais, desde um ponto de vista histórico, dificilmente é com a nação que se deveria estar negociando em casos onde os reinos – não importa quão pequenos sejam atualmente – ainda existam. Isso quer dizer que se o reino dos kom ainda tem um chefe legítimo, por que limitar as negociações com a nação de Camarões, e já que o reino do Benin, fundado em 1180, ainda tem um Oba, por que negociar com a nação da Nigéria que tem parcos 104 anos de existência?

Parzinger segue escrevendo:

No cerne do patrimônio compartilhado está a ideia de que o patrimônio cultural é meramente guardado em museus, mas em princípio é considerado patrimônio de toda a humanidade. No entanto, esse princípio só pode ser aplicado sob a condição de ter sido legalmente adquirido.

24 N.T. apud Merryman, John H.; Elsen, Albert E.; Urice, Stephen K. *Law, Ethics and the Visual Arts*. Alphen aan den Rijn: Kluwer Law International, 2007. p. 364.

Como muitos antes de mim já afirmaram, o problema não é a ideia de compartilhar o patrimônio *per se*. A questão é sobre quem dá as cartas. Quem escolhe quais museus podem determinar e declarar o que é patrimônio cultural da humanidade e quem irá “hospedá-lo”? Ademais, quem tem o direito de determinar o que um museu é verdadeiramente e sob quais condições essa assim chamada propriedade de toda a humanidade é guardada e apresentada? Não é preciso dizer que os bronzes do Benin não foram feitos para serem expostos em caixas de vidro, em salas bem equipadas. Então como pode essa propriedade de toda a humanidade ser uma herança compartilhada, se o anfitrião se considera onisciente e afirma saber como essa herança deve ser guardada? Mais importante, o que é uma aquisição legal e o que é um “patrimônio compartilhado” quando seu parceiro está do outro lado do cano de uma arma?

Referindo-se à brutal repressão da rebelião Maji Maji de 1905-7 pela Alemanha, Parzinger reforça a necessidade de “lidar com a rebelião Maji Maji com cientistas da Tanzânia e narrar isso no Fórum Humboldt. Essa trilha pode ser difícil, espinhosa e não sem riscos; mas é obrigatória para a Fundação do Patrimônio Cultural da Prússia e seus museus estatais.” Nada mais justo. De fato, é dever das instituições alemãs narrarem suas histórias brutais de colonialismo, que é um capítulo muito frequentemente ignorado da história alemã. Essa história do colonialismo é uma história enredada e compartilhada, que deveria ser contada desde múltiplas perspectivas. A narração dessa história não vai se dar convidando uma vez e por pouco tempo, um colega da Tanzânia, mas, sim, por meio do reconhecimento de que uma estrutura sustentável deve ser construída, na qual os descendentes tanto dos antigos colonizadores quanto dos colonizados sejam representados nas temáticas, no pessoal e na audiência do programa. No entanto, devemos seguir atentos para mais instrumentalizações dos assim chamados objetos nos museus etnológicos como superfícies nas quais todo tipo de histórias é projetado.

Segundo Parzinger:

É concebível entrar em uma cooperação muito mais próxima com os museus dos países de origem e trocar bens provisoriamente para exposições temporárias, em uma direção ou na outra, o que é uma preocupação particular de nossos colegas na África. O Fórum Humboldt poderia ser o epicentro de tal relação inovadora no mundo [...]. Uma parceria igualitária em um caso particular poderia, do mesmo modo, incluir a devolução de objetos individuais, se for provado que foram adquiridos ilegalmente. Dado que o patrimônio compartilhado só pode dar certo por meio da corresponden-

te pesquisa sobre sua procedência e um máximo de transparência sobre as circunstâncias de aquisição é [...] um pré-requisito indispensável para qualquer cooperação.

A coisa mais fascinante sobre a Feymania é a embalagem. A aparência nobre do ouro com as quais fezes podem ser lindamente embaladas é uma arte em si. A ideia do Fórum Humboldt como o epicentro de uma relação com o mundo é uma narrativa que tem pelo menos quinhentos anos de idade. É o efeito de réplica de uma velha fantasia que via a Europa no centro do mundo e suas colônias nas periferias. Enquanto a repetição e representação de fantasias não as fazem mais reais, a repetição e representação da violência, de fato, amplifica o dano. E, como todos nós sabemos, às vezes as réplicas de um terremoto podem ser mais mortais que o terremoto em si. Ah, e por sinal, transparência sem maiores qualificações é apenas... o vazio. Não se pode deixar de notar a ênfase excessiva dada por Parzinger à temporalidade em sua proposta de uma possível troca provisória de bens para exposições temporárias. Quem pode determinar a duração dessa troca provisória? E por que nós estamos falando sobre o hospedeiro emprestar a obra para o país de origem ao invés do sentido contrário? A repatriação de “objetos” não deveria ser a exceção, mas sim a regra. Então nesse ponto, depois da repatriação, se poderia começar a falar de um “patrimônio compartilhado”, no qual os “países de origem” poderiam decidir emprestar alguns dos assim chamados objetos para os museus ocidentais em troca de uma generosa remuneração.

É interessante que Parzinger vai além ao propor seu conceito de “patrimônio compartilhado” e o Fórum Humboldt como uma solução para o “embate de civilizações”, o recente crescimento da xenofobia na Alemanha e na Europa, apesar de suas crescentes populações multiétnicas. A esse respeito, ele escreve:

O que estamos experimentando atualmente não é apenas uma consequência da pobreza e da falta de perspectivas. A educação é uma das armas cruciais contra o preconceito e o extremismo, e é isso o que os museus e instituições culturais de modo geral podem fazer para combater o isolamento e a xenofobia: eles têm o potencial de dar às pessoas tolerância e respeito por outras culturas. Essa é provavelmente a missão mais importante do Fórum Humboldt no novo Palácio de Berlim.

Educação como arma? Que tipo de educação dada pelo Fórum Humboldt poderia ajudar a combater a xenofobia? Educação sobre a história da grandeza da Prússia como uma monarquia? Educação sobre a coleção do es-

pólio de guerra da Alemanha de suas antigas colônias, rotulada como Patrimônio Cultural da Prússia? Educação sobre a cruz cristã na fachada do Fórum Humboldt? A educação da alteridade, insinuada ao colocar todas as culturas não-ocidentais sob um mesmo guarda-chuva? Talvez, ao invés de se tornar um lugar no qual isolamento e xenofobia são combatidos e no qual tolerância e respeito pelas outras culturas seja praticado, o Fórum Humboldt poderia se tornar o lugar no qual a supremacia da Prússia, a branquitude, o domínio colonial e o monoteísmo do cristianismo sejam celebrados e comemorados pelos que deveriam presumidamente aprender o contrário. Para aqueles que nasceram e cresceram nas colônias, assim como os alemães negros, do modo como Parzinger descreve o Fórum Humboldt, ele será um lugar onde nos lembraremos dos tempos em que éramos desumanizados, alienados, humilhados e subordinados. Educação como arma, então? Como teria dito o poderoso Fela Kuti: “Professor, não me ensine contrassensos”.²⁵

O que Fela quis dizer é que o que é considerado bom senso para uns não é o bom senso para outros. O campo de ação mudou, e devemos não apenas mudar a linguagem da “educação”, mas também precisamos mudar o currículo. De maneira radical. “Patrimônio compartilhado” como é proposto hoje em dia pertence ao velho currículo. O currículo da metrópole. O desejo por um núcleo em um mundo descentralizado.

Sob essa luz, mais duas anedotas merecem ser mencionadas. Primeiramente, depois de dar uma entrevista sobre o Fórum Humboldt no jornal alemão *Die Zeit*, entre as pilhas de e-mails de ódio que me chegaram, recebi uma carta de um médico alemão que viajou pelo continente africano por quarenta anos. Ele me escreveu que em suas viagens pela África, especialmente em Camarões, não tinha visto uma instituição que pudesse ser chamada de “museu”. Sua preocupação era que, se esse patrimônio africano fosse repatriado, onde seria guardado? E seria destruído por islâmicos ou outros bárbaros? Ele continuou afirmando que eu deveria investir minha energia em derrubar líderes africanos corruptos e em construir museus, antes de desperdiçar meu tempo defendendo a repatriação. Isso também é parte da velha linguagem da educação e do velho currículo. Não

25 N.T. O autor refere-se aqui à música *Teacher don't teach me nonsense*, do músico nigeriano Fela Kuti, lançada no álbum de mesmo nome de 1986.

é preciso mencionar aqui que, antes dos europeus pisarem no continente africano, as pessoas estiveram produzindo, exibindo e preservando suas culturas por milhares de anos. Alguns dos bronzes, máscaras e outros objetos levados tinham entre oitocentos e mais de mil anos de idade. Quem disse que é preciso um museu ocidental para acomodá-los? Após a era da colônia e do imperialismo, todos nós iremos precisar encontrar novos modos e espaços – na forma e no conteúdo – para acomodar esse patrimônio, ao invés de ter que assimilá-los em um paradigma ocidental.

Em segundo lugar, quando o Deutsche Historische Museum [Museu Histórico Alemão] montou *Deutscher Kolonialismus*, sua primeira exposição sobre a história colonial da Alemanha, em 2016-17, eu recebi um convite para participar de uma mesa de discussão com Paul Spies e Neil MacGregor, entre outros. Quando eu aceitei o convite, com a condição de que minha participação seria sem fala e que cada pergunta dirigida a mim seria respondida por uma performance do público, eu fui desconvidado. A língua, como sabemos, especialmente as línguas coloniais, não dão mais conta de nossas preocupações. A língua como a conhecemos e como usada por aqueles treinados nas prestigiosas academias da Feymania, não podem advogar por nós. Nossos corpos têm que falar por nós. Nossos corpos estão impregnados com nossos fardos. É por meio do fenomenológico e da performatividade que nós iremos falar e manifestar as agendas do novo currículo.

Ato 10

You wan damé you mimbe wi, you wan soulé you mimba wi

– *Lapiro de Mbanga, Mamba Wi*

O debate econômico é um assunto bastante marginalizado nas conversas em torno dos museus etnológicos e do patrimônio de outras partes do mundo. Como Lapiro de Mbanga coloca corretamente em sua música *Mamba Wi*, dirigida às elites econômicas e políticas, “You wan damé you mimbe wi, you wan soulé you mimba wi” – “Se você quer comer pense em mim, se você quer comer pense em mim”. Dizem que o Fórum Humboldt é um projeto de mais de 600 milhões de euros, com um orçamento anual de cerca de 60 milhões de euros. Estima-se que cerca de 3,5 milhões de pessoas irão visitar o museu a cada ano. O Quai Branly, em comparação, recebe 1,4 milhões de visitantes, anualmente, e o British Museum, 6,7 mi-

Lhões de visitantes. Se considerarmos esses números junto à propaganda, merchandising, e outros meios de comodificação, a matemática é fácil.

“Patrimônio compartilhado” deve ser dissecado desde uma perspectiva econômica. “You wan damé you mimbe wi, you wan soulé you mimba wi”. Se todo esse dinheiro for gerado a partir de nossos ancestrais, seres espirituais e recipientes históricos, “patrimônio compartilhado” também deve significar tê-los em Camarões, Nigéria, México, Iraque ou Egito, e fazer com que pessoas do mundo inteiro paguem taxas de vistos e passagens aéreas para voar a esses lugares, paguem hotéis e comida, paguem ingressos para ver o trono do sultão Njoya, os bronzes do Benin, o cocar de Montezuma, o portão de Ishtar ou o busto de Nefertiti. Isso também é um debate econômico.

Ato 11

Sobre a santificação de Humboldt

A coisa mais estranha do engasgo é que alguém pode se engasgar mesmo enquanto come a comida mais deliciosa que existe por aí. Para diagnosticar o engasgo, devemos olhar os processos e estratégias de santificação, beatificação e canonização. Como é comum em tal contexto, Alexander irá tomar muito espaço de Wilhelm.

Em *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*, de Andrea Wulf, lemos que o polímata, naturalista e explorador Alexander von Humboldt transformou as ciências, revolucionou a geografia física e a meteorologia, e dedicou sua vida à compreensão da Terra e do cosmos. Ninguém nega que Humboldt era um gênio. Em seus eloquentes discursos e vívidos escritos, ele expôs leitores europeus às realidades do colonialismo e da escravidão, assim como às degradações humanas e ecológicas que ele encontrou no Novo Mundo. Em outra publicação recente – uma das muitas que pipocam como cogumelos – *Alexander von Humboldt: Der Preuße und die neuen Welten*²⁶ [O prussiano e o Novos Mundos], de Rüdiger Schaper, nós iremos aprender que Humboldt foi um humanista

26 N.T. Schaper, Rüdiger. *Alexander von Humboldt: Der Preuße und die neuen Welten*. Munique: Siedler, 2018.

e se levantou contra a escravidão. Seus diários e outros cadernos foram encontrados, e nesses documentos, nos é dito, que ele seria o melhor dos prussianos. Um prussiano que era contra o império e que queria, simplesmente, explorar as Américas. As credenciais brilhantes de Humboldt, ao identificar duas mil novas espécies de plantas, descobrir o equador magnético, ser o primeiro europeu a explorar e mapear os rios Cassiquiare, Orinoco e Amazonas, ou o primeiro a conduzir experimentos com enguias elétricas são amplamente conhecidas e celebradas.

Devemos reconhecer também que, em comparação a seus contemporâneos, Humboldt era progressista, tendo criticado os sistemas sociais e políticos na América, assim como suas críticas à sociedade colonial na América espanhola foram usadas como base ideológica para alguns movimentos de resistência. Enquanto existe um discurso na Europa de que devemos reviver o legado de Humboldt, para muitas pessoas no mundo, especialmente nas Américas, Humboldt foi e é, ainda, onipresente. Floresta Nacional Humboldt-Toiyabe, Monte Humboldt, cadeias montanhosas Humboldt na China, na África do Sul e na Antártida, para o Parque Nacional Alejandro de Humboldt, Humboldt Falls, glaciário Humboldt, baía Humboldt, rio Humboldt, bacia Humboldt... Esses são apenas alguns dos muitos rastros de Humboldt ao redor do mundo. Mas o que também deveria ser discutido é a política da nomeação. O que significa nomear uma planta, um rio, uma montanha ou um animal em homenagem a Humboldt? Como eles eram chamados antes? Que conhecimento se perde quando um nome é mudado? Uma das ferramentas mais poderosas do colonialismo é sua habilidade em nomear. O poder da nomenclatura e da taxonomia. Como des-nomear leva à desterritorialização e à desorientação? Isso também é uma realidade do colonizado.

Enquanto o mito de um Humboldt inocente, pacifista, abolicionista é cultivado e disseminado, nós devemos também lembrar que suas viagens e informações sobre as colônias (mapas, ensaios políticos, dados coletados sobre agricultura, geologia, manufaturas, zoologia, botânica e meteorologia) foram muito importantes para os esforços de invasão e ocupação tanto de seus contemporâneos, quanto da geração seguinte. Em termos mais diretos, também é sabido que, em 1804, Humboldt chegou aos EUA, depois de cinco anos na América Latina, onde ficou uma semana em Washington com o presidente Jefferson, o Secretário de Estado James Madison e o Secretário do Tesouro Albert Gallatin lhes alimentando com informações valiosas sobre as colônias espanholas que ele havia acabado de

explorar. É graças a essas informações do anticolonialista, pacifista Humboldt, e ao conselho explícito que ele deu a Jefferson, de que valia a pena lutar pelas terras entre os rios Grande e Sabine, que o que é hoje o Texas foi colonizado e anexado. Enquanto Humboldt falava aos americanos que a escravidão era uma “desgraça” e que a opressão aos nativos americanos era uma “mancha” na nação, ele não achou necessário enfatizar isso a Jefferson. Também há pouca evidência de críticas de Humboldt ao Reino Espanhol, por seu papel na escravidão transatlântica e no colonialismo, tendo sido sempre grato ao Rei Carlos IV (1788-1808) por permitir sua expedição pelas colônias americanas.

Enquanto o mito de um Humboldt inocente, abolicionista é cultivado e disseminado, ainda se deveria escutar atentamente pessoas como Mary Louise Pratt, quando ela escreve que “o olho de Humboldt despoeva e desistoriciza a paisagem americana, mesmo quando celebra sua grandiosidade e variedade.”²⁷ Também é importante escrutinar Humboldt em relação à política de produção e disseminação de conhecimento – no que diz respeito à autoria. Como Margarita Serje destaca em *The National Imagination in New Granada*²⁸, Humboldt foi uma figura controversa a respeito de como ele conseguiu suas informações e onde, quem ele creditou em seus escritos e quem ele não creditou. Serje assinala o artigo de 1887, no *Papel Periódico Ilustrado*, de Nueva Granada, dedicado a Alexander von Humboldt. Como muitas crônicas do período, esta reclamava “da ingratidão de estrangeiros que esquecem de reconhecer os méritos do povo” em seus trabalhos. A crônica dizia que em Santa Fé (Bogotá), Humboldt se encontrou com mais de uma dúzia de cientistas nativos, das ciências naturais, que o ajudaram ao fornecer conhecimentos práticos e locais do país, sua topografia, minas, produção e clima. Ele, no entanto, não menciona esses cientistas em seus escritos. Especificamente, o caso de Francisco José de Caldas, um cientista e político mestiço, conhecido como “el sabio”, que inventou um método para medir a altitude fervendo água, sem o uso de um barômetro, bem como teve as primeiras ideias sobre a geografia

27 N.T. Pratt, Mary Louise. Humboldt and the Reinvention of America. In: Jara, René; Spadaccini, Nicholas (org.). *Amerindian Images and the Legacy of Columbus*. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1992. p. 592.

28 N.T. Serje, Margarita. *The national imagination in New Granada*. In: Erickson, Raymond; Font, Mauricio A.; Schwartz, Brian (org.). *Alexander von Humboldt: from America to the cosmos*. Nova Iorque: Bildner Center for Western Hemisphere Studies, 2004.

das plantas. Ambos os conceitos foram usados por Humboldt, sem reconhecer ou referenciar Caldas em seus escritos.

Serje também sublinha como a representação estética e científica da natureza e da paisagem, e suas representações políticas, foram inscritas na consciência das novas nações nas Américas.

A dramática representação de Humboldt das paisagens americanas [...] foi uma re-encenação da noção que os mestiços tinham desenvolvido sobre seu “novo mundo” e sobre o modo que eles tinham ocupado seu território. Essa re-encenação foi realizada ao desarraigar as paisagens e os povos de sua própria continuidade histórica e geográfica para colocá-los no contexto da história natural (Universal) moderna.

Serje argumenta que em seus esforços de “reinventar” a América, como Marie Louise Pratt coloca, “Humboldt inscreveu nas imagens cênicas dos trópicos americanos uma série de noções coloniais sobre a paisagem, a cultura e a história, legitimando-os científica e esteticamente.” Ao extrair da imaginação dos mestiços, que impuseram à terra certa visão da natureza, da geografia e conhecimentos cartográficos da metrópole, Humboldt legitimou constructos coloniais, como, por exemplo, dos espaços hierárquicos. Outra violência epistêmica indicada por Serje é que, em *Vues des Cordillères et monumens des peuples indigènes*, Humboldt escreve sobre uma distinção “natural” entre estratos biogeográficos – as terras altas, *tierra fría*, com climas frios e temperados, e as terras quentes, ou baixas, *tierra calientes* –, assim como diferenças culturais entre as terras altas e as terras baixas. Essas distinções, importadas da ideia europeia de que as civilizações florescem em regiões temperadas, “racionais”, ainda está de pé como um conhecimento etnográfico e social da região, mantendo os constructos das ordens sociais. A estratigrafia biogeográfica é transformada em estratigrafia de castas. Segundo Serje, em *Ensaio sobre a geografia das plantas*²⁹, Humboldt naturaliza um dos pilares da ordem colonial das coisas: sua imaginação geopolítica.

Finalmente, enquanto o mito de um Humboldt inocente, pacifista, abolicionista é cultivado e disseminado, não se deveria esquecer que o traba-

29 N.T. Essay on the geography of plants (1805), escrito com Aimé Bonpland.

lho de Humboldt foi em primeiro lugar facilitado pelas estruturas coloniais vigentes à época. Durante sua visita de 1799 a Madri, antes de partir em expedição à América espanhola, com a ajuda de políticos e cientistas, como Mariano Luis de Urquijo e Gonzalo de O’Farrill y Herrera, Humboldt obteve uma entrevista pessoal com o Rei Carlos IV, o que levou ao vasto endosso real que permitiu sua viagem à América espanhola.

Ato 12 Quando alguém está se engasgando, a sabedoria popular demanda um golpe firme nas costas para expulsar o pedaço preso na traqueia. Para o Fórum Humboldt parar de se engasgar, para começar a respirar, as expulsões teriam que envolver um estudo urgente sobre a procedência, uma forma de lidar, de fato, com a repatriação e reabilitação dos assim chamados objetos em sua coleção, uma confrontação apologética de e com suas histórias coloniais enredadas, assim como o reconhecimento das histórias e identidades sistematicamente apagadas da RDA.

Para o Fórum Humboldt deixar de se engasgar, e começar a respirar, as expulsões teriam que envolver uma rigorosa reconcepção do entendimento do que um museu deve ser e fazer. Quem e o que é o museu, e quais seus objetivos? *Nihil de nobis, sine nobis* [Nada sobre nós, sem nós], como eles dizem. No processo de beatificação de Humboldt, deve-se narrar as múltiplas histórias e facetas de seu ser, relacionadas à sua posição na história do colonialismo e às geografias e geopolíticas imaginárias de seu tempo, assim como às políticas da epistemologia.

Para o Fórum Humboldt deixar de se engasgar, para começar a respirar, as expulsões teriam que significar escutar outras vozes. Escutar aos sussurros nos cantos. Escutar às vozes que não ocupam o epicentro. Desmantelar o epicentro como um todo. Então o que devemos fazer com conceitos e espaços como o Fórum Humboldt e outros museus etnológicos no século 21? Gostaria de finalizar pensando em tais conceitos e espaços em termos de queeridade e do queer. Talvez seja a queerificação do Fórum Humboldt e de outros que possa livrar tais instituições dos perigos de suas próprias histórias violentas.

No início de *Cruising Utopia: The then and there of queer futurity*,³⁰ José Esteban Muñoz escreve:

A QUEERIDADE NÃO ESTÁ aqui ainda. Queer é uma idealização. Colocado de outra maneira, nós ainda não somos queer. Nós talvez nunca iremos tocar no queer, mas nós podemos senti-lo como a iluminação cálida de um horizonte imbuído de potencialidade. Nós nunca fomos queer, mas o queer existe para nós como uma idealidade que pode ser destilada do passado e usada para imaginar um futuro. O futuro é do domínio do queer. O queer é um modo de desejar estruturante e educado que nos permite ver e sentir além do atoleiro do presente. O aqui e agora é uma casa prisão. Nós devemos nos esforçar, face à representação totalizante da realidade do aqui e agora, em pensar e sentir um então e um ali. Alguns irão dizer que tudo que temos são os prazeres desse momento, mas nós não devemos nunca nos contentarmos com esse transporte *mínimo*; nós devemos sonhar e encenar novos e melhores prazeres, outros modos de ser no mundo, e, em última instância, novos mundos. O queer é uma ânsia que nos move para frente, além dos romances do negativo, e o trabalho no presente. O queer é aquela coisa que nos deixa sentir que o mundo não é suficiente, que de fato algo está faltando. [...] O queer é essencialmente sobre a rejeição de um aqui e agora e uma insistência na potencialidade ou na possibilidade concreta de outro mundo.

Eu gostaria que substituíssemos cada “nós” na citação de Esteban Muñoz por “o Fórum Humboldt”. Eu gostaria de pensar novos modos pelos quais seria possível queerificar Humboldt ao buscar, imaginar e encenar futuridades do então e do ali. Modos de sonhar novos e velhos prazeres, modos de encenar outras formas de ser no mundo. Modos de nos impulsionar além dos romances do negativo, para reconhecer que esse mundo não é suficiente.

Eu gostaria que nós pensássemos o corpo como o museu primário. Se um museu é um espaço onde conhecimentos são guardados e disseminados, então o corpo é aquele espaço quintessencial da cognição e da experiência. Como então esse museu primário do corpo encontra o museu secundário, que costumam ser aqueles espaços onde “objetos” são “conservados”? Como o museu secundário reflete ou influencia o museu primário? Se o museu secundário se torna um lugar de preocupação, de insulto, de violência epistêmica; um lugar de apagamento de histórias, um lugar de arrogância, então qual impacto isso tem no espectador, no visitante, no cidadão, no humano?

30 N.T. Muñoz, José Esteban. *Cruising utopia: the then and there of queer futurity*. Nova Iorque: New York University Press, 2009.

Queerificar o Fórum Humboldt deveria, portanto, implicar uma renegociação radical do encontro entre o museu primário e o museu secundário, que deve envolver o questionamento da compreensão limitada de museu na atualidade. O museu deve ser descarregado e liberto do fardo de sua normatividade da branquitude, da masculinidade, da heterossexualidade, do ocidentalismo e do antropocentrismo, e liberado de seu ônus de tentar recontar uma narrativa única ou uma história linear. Os museus de hoje, o Fórum Humboldt e outros, devem ser capazes de negociarem em mão dupla, entre as normas pelas quais as dominações de vários tipos são construídas e perpetuadas, e se tornarem plenamente conscientes dos modos como as sociedades são constituídas por meio da exclusão, do silenciamento e da falsa representação da maioria de seus sujeitos. Queerificar o museu significa destacá-lo dessas normas, deslegitimando a marginalização e subordinação dos outros. O conceito de museu tem que ser mais fluido; ele deve permanecer em fluxo e resistir a qualquer entendimento rígido do que um museu é ou pode ser. O museu precisa ser perpetuamente reconcebido e rearticulado.

Por muito que isso possa soar como um sonho, é essa paisagem onírica que nós deveríamos encenar e navegar. Ou, como Toni Cade Bambara disse, “O sonho é real, meus amigos. O fracasso de realizá-lo é a única irrealdade.”

*Escute às Coisas
Com mais frequência que aos Seres,
Ouça a voz do fogo,
Ouça a voz da água.
Escute no vento,
Os suspiros do arbusto;
Isso são os ancestrais respirando.*

*Aqueles que estão mortos não se foram para sempre;
Eles estão na escuridão que se torna mais leve
E na escuridão que se torna mais escura.
Os mortos não estão debaixo da terra;
Eles estão no balançar das árvores
No gemer das matas,
Na água que corre,
Na água que dorme,
Eles estão na cabana, eles estão na multidão:
Os mortos não estão mortos.*

*Escute às coisas
Com mais frequência que aos seres,
Ouça a voz do fogo,
Ouça a voz da água.
Escute no vento,
Ao arbusto que está suspirando:
Essa é a respiração dos ancestrais,
Que não foram embora
Que não estão debaixo da terra
Que não estão realmente mortos.*

*Aqueles que estão mortos não se foram para sempre;
Eles estão no peito de uma mulher,
No lamento de uma criança,
E na queima de um tronco,
Na pedra gemendo,
Nas gramas chorando,
Na floresta e na casa.
Os mortos não estão mortos.*

*Escute com mais frequência
Às Coisas que aos Seres,
Ouça a voz do fogo,
Ouça a voz da água.
Escute no vento ao
Arbusto que está soluçando:
Esses são os ancestrais respirando.
Cada dia eles renovam laços ancestrais,
Laços ancestrais que unem firme
Ligando os nossos à sua lei,
À vontade dos espíritos mais forte que nós
Ao feitiço de nossos mortos que não estão realmente mortos,
Cujo pacto nos liga à vida,
Cuja autoridade nos liga à sua vontade,
A vontade dos espíritos que revolvem
No leito do rio, nas margens do rio,
A respiração dos espíritos
Que gemem nas pedras e choram nas gramas.*

*Espíritos habitam
A escuridão que ilumina, a escuridão que escurece,
A árvore que treme, a madeira que murmura,
A água que corre e a água que dorme:
Espíritos muito mais fortes que nós,
A respiração dos mortos que não estão verdadeiramente mortos,
Dos mortos que não se foram de fato,
Dos mortos agora não mais na terra.*

*Escute às Coisas
Com mais frequência que aos Seres,
Ouça a voz do fogo,
Ouça a voz da água.
Escute no vento,
Ao arbusto que soluça:
Isso são os ancestrais, respirando.*

–Birago Diop, Espíritos

Ensaio original, em inglês, publicado em *South as a State of Mind*. Maintenance, issue 10, summer/fall 2018, p. 36-59. Disponível em: <http://southasastateofmind.com/south-remembers-those-who-are-dead-are-not-ever-gone/>; consultado em agosto de 2023

Recebido em 30 de junho de 2023 e aceito em 1º de setembro de 2023

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

